

MERCADO SOCIALMENTE NECESSÁRIO: ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS NAS FEIRAS LIVRES DA CIDADE DE CAMPINAS (2000 a 2019)

Palavras-Chave: FEIRAS LIVRES, MERCADO SOCIALMENTE NECESSÁRIO, CAMPINAS

Autores/as:
JÉSSICA APARECIDA DOS SANTOS RODRIGUES [UNICAMP]
Prof. Dr. MÁRCIO CATAIA (orientador) [UNICAMP]

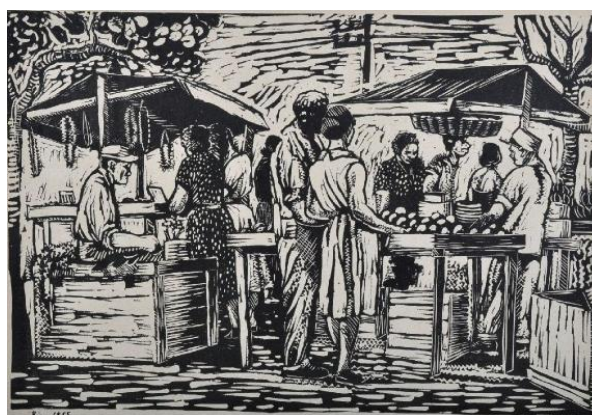
INTRODUÇÃO:

O abastecimento de alimentos realizado nas cidades do Brasil apresenta uma configuração complexa, destacando-se as feiras livres e os supermercados. Com importância histórica na constituição das cidades, a feira livre articula mercado e cultura organizando-se como um “fixo flutuante” ao ocupar ruas em dias e horários específicos na semana. Contudo, a propagação dos supermercados e o uso do automóvel a partir da década de 1960 transforma a organização das feiras livres, contrapondo a ocupação das ruas com o ideal da limpeza e segurança difundidos pelos supermercados.

A pesquisa buscou aprofundar os conhecimentos sobre a cidade de Campinas a partir do abastecimento alimentar realizado pelas feiras livres e sua permanência em razão da concorrência realizada pelos supermercados. Buscamos investigar a dinâmica do mercado de rua que envolve, principalmente, um circuito curto entre a compra realizada nos distribuidores - como a Ceasa (Centrais de Abastecimento S/A) - e sua comercialização, tornando relevante a contiguidade e todo um conjunto de práticas comerciais não burocratizadas e que valorizam o contato face-a-face e a negociação.

Tomamos a cidade de Campinas (SP) como uma totalidade e, assim, compreendemos o cotidiano da feira livre a partir da economia política da cidade. Investimos na reflexão teórica e metodológica dos dois circuitos da economia urbana (Santos, 2008 [1979]), do mercado socialmente necessário (Ribeiro, 2013) e do abastecimento urbano em acontecimentos solidários (Santos, 2014 [1996]). Interessamo-nos pela economia de proximidade (Pecqueur e Zimmermann, 2005; Zaoual, 2006) que caracteriza a feira livre. Assim, buscamos interpretar o funcionamento e a

Figura 1: “Feira”, Rio 1955



Fonte: Clube da Gravura do Rio de Janeiro 1952/1959.

importância da feira livre, o que ela diz sobre a cidade, quais os nexos de complementaridade e competição estabelecidos entre a feira e os supermercados e porque a feira permanece.

METODOLOGIA:

Em virtude da pandemia de Covid-19, anunciada em março de 2021, a pesquisa foi realizada predominantemente em condições remotas, com dados secundários. Assim, foi feita a revisão da literatura e de documentos correspondentes ao tema da feira livre e do abastecimento de alimentos na cidade de Campinas. Além disso, buscamos coletar dados secundários organizados nos relatórios da autarquia de Serviços Técnicos Gerais (SETEC) do município de Campinas, responsável pela administração das Feiras Livres da cidade, e com a Ceasa Campinas, além de materiais disponíveis na internet. Finalmente, quando as condições sanitárias permitiram, foi realizada uma pesquisa de campo na feira livre da Vila Marieta, bairro da Região Sul de Campinas, objetivando lapidar as reflexões decorrentes da pesquisa.

Para a análise teórica, o levantamento bibliográfico considerou o debate acerca do acontecer solidário, do cotidiano, do abastecimento e da logística urbanos e da feira livre. A análise empírica contou com dados reunidos com a SETEC, Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Vendedores Ambulantes de Campinas e Ceasa Campinas. Além disso, buscamos informações disponíveis na internet quanto a redes de supermercados presentes na cidade. Os dados levantados contemplaram a movimentação das licenças dos feirantes entre os anos de 2016 e 2020, a localização das feiras referente aos dias da semana, o número de bancas por feiras, a participação das feiras no abastecimento de alimentos na cidade, bem como a localização de lojas de grandes redes de supermercados.

A pesquisa contemplou uma breve discussão sobre a feira livre da Vila Marieta, em uma primeira aproximação com o tema; a discussão acerca do abastecimento de alimentos na cidade de Campinas a partir da retomada histórica da importância da feira livre, seu funcionamento e as relações com os supermercados; o comércio de alimentos na cidade destacando a tipologia dos produtos comercializados nas feiras livres, bem como a distribuição espacial das feiras e de grandes redes de supermercados. Por fim, apresentamos como possibilidade de método a análise do comércio varejista de alimentos de Campinas por meio da teoria dos *dois circuitos da economia urbana* e do *mercado socialmente necessário*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Entre os anos de 2000 e 2019, o comércio das feiras livres em Campinas atravessou um período de significativa expansão do consumo, o que permitiu um alargamento do contexto das feiras livres, com aumento das vendas e geração de emprego, ainda que de baixa renda. Contudo, já a partir de 2015 há uma inflexão na economia nacional, marcada pela queda do poder aquisitivo, o que repercutiu no mercado das feiras livres, sobretudo nos bairros de menor poder aquisitivo.

De acordo com a SETEC, são realizadas 79 feiras livres distribuídas em seis dias da semana pela cidade, de terça-feira a domingo. Desconsiderando as feiras orgânicas e de artesanato, Campinas conta com 76 feiras livres com um cadastro total de 774 bancas. Os dados mostram que a movimentação no cadastramento das bancas, entre os anos de 2016 e 2020, apresentou um saldo de 55 cancelamentos, o que corresponde à queda de 7,1% do total de bancas cadastradas nas feiras da cidade. De fato, a SETEC não conta com os dados sistematizados da movimentação das feiras correspondente aos anos anteriores, mas sabemos que entre os anos de 1990 e 2000 a queda no

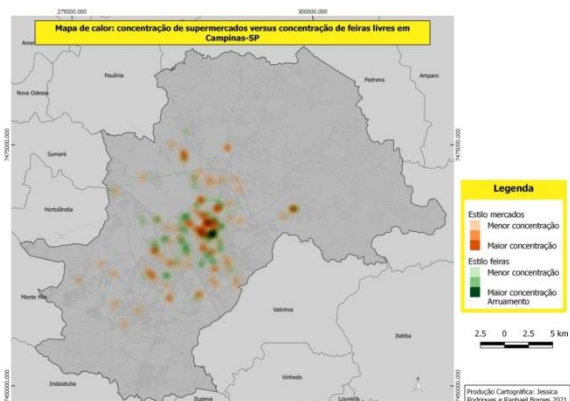
cadastro de bancas foi de cerca de 30% (Silva Filho,2003). O período de 2016 a 2019 revela a queda no número de cadastros oficiais das bancas nas feiras livres da cidade, bem como o aumento no cadastro de bancas no ano de 2020, ano da pandemia de covid-19. Também considerados essenciais para o abastecimento, os supermercados apresentaram crescimento nas atividades no período analisado¹.

Atentamos para o fato de que as feiras livres do município de Campinas dispõem de uma caracterização complexa quanto ao número de bancas, de forma que são encontradas feiras com apenas uma banca até feiras que contam 29 bancas cadastradas. Ao mesmo tempo, Campinas é a cidade que abriga um conjunto de modernizações, como uma das primeiras Ceasas instaladas fora de capital, em 1975, e do Hipermercado Extra, a primeira unidade da empresa com essa natureza, em 1990. Consideramos os dois comércios, as feiras livres e os supermercados, por compreender que a expansão do setor supermercadista transforma a realidade do comércio acarretando na queda do movimento das feiras livres (Jesus, 1992; Silva Filho, 2003; Sato, 2012).

Partimos da hipótese de que a feira livre atua em complementaridade e competição com o mercado corporativo, contudo, dispõe de técnicas cotidianas sustentadas pela contiguidade oferecida pelo lugar. Assim, sua permanência se dá a partir do atendimento às necessidades criadas e sustentadas pela sociabilidade presente na cultura e na economia territorializadas. Esse mercado

de rua é homólogo e complementar ao mercado hegemônico, ao qual é subordinado, mas guarda em sua lógica de funcionamento caráter próprio de circuitos econômicos enraizados nos lugares.

Mapa 1: Mapa de calor da concentração de supermercados versus a concentração de feiras livres no município de Campinas



Fonte: Relatório da SETEC (2020), dados do INFOMAP - Mapa de Serviços - Campinas/SP (2021), dados fornecidos pelos sites dos supermercados e dados do GoogleMaps (2021).

Elaboração: Jéssica Rodrigues e Raphael Borges (2021)

de hegemonia, ao qual é subordinado, mas guarda em sua lógica de funcionamento caráter próprio de circuitos econômicos enraizados nos lugares. O Mapa 1 representa as lojas de grandes redes de supermercados², com funcionamento diário constante, e as feiras livres realizadas em Campinas, cujas atividades funcionam de maneira dinâmica em cada dia. Enquanto as feiras livres estão mais concentradas na região central da cidade, os supermercados, pelo contrário, têm maior capilaridade pela cidade.

Aprender os elementos próprios, internos ao “comércio flutuante” de rua, que vem sofrendo competição significativa das grandes redes de distribuição e comercialização é uma forma de captar processos de resiliência ao aprofundamento

da racionalização dos mercados e da cidade. Ainda assim, no mercado de rua, a feira livre permanece e se atualiza frente a uma cidade corporativa, ou seja, planejada e normatizada, principalmente, para o mercado hegemônico. A contiguidade assegura a existência e permanência do mercado de rua por meio do *território como norma*, quando a proximidade, a cultura e as demandas locais, endógenas, emergem como forma de troca e reorganizam o espaço consoante um cotidiano compartilhado.

¹ Segundo a Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS, 2020), o setor supermercadista apresentou aumento de 9,36% no ano de 2020, 6,4% no ano de 2018, e 0,7% no ano de 2017.

² A pesquisa de dados dos mercados foi estruturada contemplando unidades de grandes redes de supermercados, correspondendo às lojas das empresas: Supermercado Dia, Carrefour, Supermercados Galassi, Supermercados Dalben, Enxuto, Extra, Oba Hortifrutti, Paulistão Supermercados, Pão de Açúcar, Savegnado, Supermercado Taquaral, Supermercados Pague Menos, Walmart (BIG) e Covabra.

Compreendemos o comércio das grandes redes de supermercados, atacados e distribuidores como próprio do circuito superior da economia urbana (SANTOS, 2008 [1979]), comércios que utilizam da tecnologia chamada “de ponta”, do uso do “capital intensivo”, do crédito burocrático, bem como do manejo e estoque de grandes volumes de mercadoria. Como par, propomos situar a feira livre no circuito inferior da economia urbana (Santos, 2008 [1979]), um comércio não moderno de pequena dimensão no uso do “trabalho intensivo”, frequentemente local, trabalhando com quantidades de produto reduzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A história do município de Campinas conta com um processo de urbanização desigual que produziu a fome recorrentemente na cidade. A distribuição dos alimentos básicos para a garantia do acesso à alimentação no espaço urbano dispõe da contribuição das feiras livres nessa garantia. A partir da investigação teórica acerca dos circuitos da economia urbana (Santos, 2008 [1979]) e do mercado socialmente necessário (Ribeiro, 2013), esse trabalho buscou compreender a evolução e a participação das feiras livres no abastecimento alimentar do município de Campinas.

O conjunto da literatura, sobretudo os estudos de Silva Filho (2003), salienta que, de maneira geral, as pesquisas desenvolvidas no município de Campinas sobre o abastecimento alimentar estão concentradas nas investigações a partir das grandes redes de supermercados e atacadistas, havendo pouca informação sobre a participação das feiras livres. A contribuição desta pesquisa, portanto, caminha no sentido de conhecer a cidade a partir do abastecimento por meio das feiras, como realidades organizadas que se dão em redes que garantem sua permanência (Sato, 2012) e, também, como forma de ampliar os estudos acerca do cotidiano alimentar da cidade.

Observamos que, no município de Campinas, o comércio de alimentos por feiras livres e supermercados se distribui de maneira desigual, concentrado na região central e de alto poder aquisitivo e rarefeito nas periferias e lugares empobrecidos. Além disso, ocorre o sufocamento do mercado de rua pela intensidade com que as grandes redes de supermercados se instalam na cidade, dinâmica constatada ao longo do tempo pela queda nas licenças de bancas em feiras. Pontualmente no ano de 2021, as feiras livres de Campinas tiveram suas atividades interrompidas durante um período, retornando o comércio com restrições em virtude das questões sanitárias, ao passo que o setor supermercadista registrou a abertura de diversas unidades pela cidade.

Entender a cidade como totalidade demanda esforço analítico a partir dos diversos dos usos do território que se realizam em cada lugar. Assim, a pesquisa entende a contradição entre as grandes empresas e o mundo dos feirantes – ainda que também conte com feirantes capitalizados –, nas distintas apropriações que fazem dos espaços da cidade. O território usado e praticado, tanto para a expansão do lucro, como para a existência por meio do trabalho está no centro de nossas preocupações.

BIBLIOGRAFIA

- JESUS, G. M. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964 - 1989. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, jan./mar., 1992. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1992_v54_n1.pdf. Acesso em 20 ago. 2021.
- PECQUEUR, B.; ZIMMERMANN, J. B. Fundamentos de uma economia de proximidade. *In*: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (orgs). **Economia e Território**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005
- RIBEIRO, A. C. T.. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. *In*: **Por uma sociologia do presente**. Ação, técnica e espaço. Rio de Janeiro: Letra Capital, vol. 2, p. 293-310, 2013.
- SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. Ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 8. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade, o caso de São Paulo**. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- SATO, L. **Feira livre**: organização, trabalho e sociabilidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- SILVA FILHO, C. F. Mercado varejista: um estudo das feiras livres no município de Campinas – SP. **Cadernos da FACECA**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 35-51, jul./dez. 2003.
- ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós-global. Tradução: Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.